

ATAS DO COLÓQUIO INTELLECTUAIS, CULTURA E POLÍTICA NO MUNDO IBERO-AMERICANO.

Rio de Janeiro. 17 -18 de maio de 2006.

Intellèctus

Ano 05 Vol.II

Revista Eletrônica ISSN 1676-7640

Grpesq/ CNPq-
Intellectuais e Poder
no Mundo Ibero-americano
Revista Intellectus
ISSN 1676-7640



Grpesq Intellectuais, Idéias e Instituições.



JOSÉ PEDRO XAVIER DA VEIGA E O PROJETO DE UMA IDENTIDADE HISTÓRICA NO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO.

Bruno Franco Medeiros

Graduando pelo Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto.

1. *Um homem*

A vida de José Pedro Xavier da Veiga, que durante muito tempo fora ocupada por demandas de um homem público, tivera fim a oito de agosto de 1900. Nascido na cidade de Campanha a 13 de abril de 1846, Xavier da Veiga era filho do tenente-coronel Lourenço Xavier da Veiga e de D. Jesuína de Salles Veiga, ambos representantes de “ilustre” família mineira.¹ Desde tenra idade demonstrando apreço pelos estudos, Xavier da Veiga mudou-se para o Rio de Janeiro em 1857, indo trabalhar com seu tio João Pedro da Veiga em sua livraria. Ainda na capital do Império, fundou com outros amigos a “Sociedade de Ensaios Literários”. Dez anos mais tarde seguiu para São Paulo para matricular-se na Academia de

¹ Todas as referências biográficas aqui contidas devem ser remetidas à primeira biografia de Xavier da Veiga inserida nas páginas da Revista do Arquivo Público Mineiro de 1901, da autoria de Augusto de Lima.

Direito, tendo em sua companhia figuras que mais tarde teriam certa projeção política no cenário mineiro, como Silviano Brandão, Afonso Pena, Crispim Bias Fortes, Feliciano Pena e outros. Devido a males de saúde, retornou para Minas sem concluir o curso. Bem cedo, recebeu um cargo de justiça em Lavras. Em 1872 foi eleito deputado para a assembléia de Minas Gerais, sendo reeleito a cada período eleitoral até o ano de 1889, salvo pequeno intervalo. Atuou no *Província de Minas Gerais*, exercendo aí seus talentos jornalísticos. Recusou a comenda da Ordem da Rosa oferecida pelo Imperador Dom Pedro II. Foi diplomado sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. No início do período republicano fundou o periódico *A Ordem*, que contribuiu para a dilatação e aceitação da nova ordem no Estado de Minas Gerais. Em 1895, o Estado decidiu organizar o Arquivo Público Mineiro, instituição criada pela lei nº 126 de 11 de julho de 1895. O então senador Xavier da Veiga reclamou para si o *desideratum* de organizar tal instituição. Em 1897, publicou o monumental trabalho *Efemérides Mineiras*, que pretendia falar sobre os 232 anos de história de Minas Gerais. Dentro da cronologia estabelecida nessa lacunar biografia aqui exposta, existe uma data de importância fundamental, que guiará o pensamento de Xavier da Veiga até os seus últimos dias: o ano de 1879. A partir desta data surgiu uma idéia. Sobre isso veremos a seguir.

2. Uma idéia, um Arquivo, uma Efeméride

Nas palavras que inauguram o primeiro fascículo da Revista do Arquivo Público Mineiro, periódico da instituição dirigida por Xavier da Veiga de 1895 a 1900, vemos o seguinte dizer:

Notável escritor contemporâneo, referindo-se a um incêndio que ameaçou recentemente **destruir a Torre do Tombo**, conta-nos a apreensão esmagadora que por alguns minutos dominou-o, persuadido, como estava, que “extinto esse riquíssimo e incomparável Arquivo, **Portugal perdia os documentos de sua autonomia moral** e ficava reduzido a um simples território que mais facilmente se tornaria um anexo da Espanha”.²

O “notável escritor contemporâneo” era Teófilo Braga. O ano do incêndio que ameaçou a Torre do Tombo, depositório da documentação histórica de Portugal, era 1879. A partir

² VEIGA, José Pedro Xavier da. “Palavras Preliminares”. In _____. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Ano I. Fascículo I. Janeiro a Março. Ouro Preto: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. 1896. p. I.(grifo nosso)

desse marco quase mítico, Xavier da Veiga iniciou sua faina em busca de documentos que pudessem dar-lhe apoio para a constituição de uma história de Minas Gerais. Assim vemos no início do prefácio de suas efemérides, datado de 31 de dezembro de 1897: “Há cerca de dezoito anos, com algumas interrupções, que assiduamente ocupo-me na elaboração das Efemérides Mineiras, ora entregues à luz da publicidade”.³

Durante dezoito anos, Xavier da Veiga coletou uma gama de documentos sobre a história de Minas Gerais, o que resultou na confecção das Efemérides Mineiras, obra em 4 volumes, que representava uma espécie de fio condutor para a realização de uma historiografia que dissertasse sobre a história de Minas Gerais no período colonial, imperial e republicano.

Se a extinção da documentação sobre Minas Gerais deixava o nosso historiógrafo apreensivo, isso demonstrava sua afinidade com a chamada Escola Metódica francesa, que teve em Ch.V. Langlois e Ch. Seignobos seus maiores expoentes (sendo este último citado por Xavier da Veiga no prefácio das *Efemérides*). Para estes, o principal fundamento da reconstituição do passado estava nos documentos:

A história se faz com documentos. Documentos são os traços que deixaram os pensamentos e os atos dos homens do passado. Entre os pensamentos e os atos dos homens, poucos há que deixam traços visíveis e estes, quando se produzem, raramente perduram: **basta um acidente para os apagar.** Ora, qualquer pensamento ou ato que não deixou traços, diretos ou indiretos, ou cujos traços visíveis desapareceram, está perdido para a história: é como se nunca tivesse existido. Por falta de documentos, a história de enormes períodos do passado da humanidade ficará para sempre desconhecida. **Porque nada supre os documentos: onde não há documentos não há história.**⁴

Assim pensava Xavier da Veiga. Se não houvesse documentos acerca dos “homens e coisas notáveis de Minas Gerais”, como construir uma história sobre eles? O historiógrafo mineiro coletou dados e documentos onde os pode encontrar, realizou leituras e pesquisas por depósitos e arquivos espalhados a esmo. Não era necessário apenas a coleta de dados sobre o passado. Essa reformulação pretérita passava por uma operação:

[...] fazer inúmeros extratos de impressos em geral pouco vulgares e de velhos manuscritos inéditos, colhidos em arquivos mais ou menos desordenados; **examinar**, atenta e pacientemente, centenas de volumes e de códices poentos e às

³ VEIGA, José Pedro Xavier da. “Prefácio”. In _____. **Efemérides Mineiras. 1664-1897**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos João Pinheiro. 1998. Vol. 1 e 2. p. 47.

⁴ LANGLOIS, Ch. V. e SEIGNOBOS, Ch. **Introdução aos estudos históricos**. São Paulo: Renascença. 1944. p. 15.

vezes quase ilegíveis; empenhar-me reiteradamente por informações de interesse histórico, estatístico ou biográfico solicitadas de pessoas ou institutos capazes de presta-las; **acumular** quantos elementos me foi dado conseguir, úteis ao desígnio a que me propus e – terminada a coordenação penosa desse acervo de papéis, [...] que procurei esmerilhar solícito para, o mais possível, **apurar a verdade** – ir redigindo tudo sob a forma peculiar a esta espécie de trabalhos e [...] escrupulizando **sempre em dar com sinceridade** aos acontecimentos, às coisas e aos homens notáveis de Minas Gerais, de quem me ocupo, a feição que neles conheço pelo estudo e reflexão de muito tempo [...].⁵

Exame, acúmulo, verdade e sinceridade: tais eram os pontos requeridos pelo historiógrafo mineiro ao volver seu olhar em direção ao passado. A preocupação de Xavier da Veiga, acentuada após o incêndio na Torre do Tombo em 1879, situava-se no eixo de não deixar cair no esquecimento os atos cometidos e sofridos por homens da terra de Minas Gerais. Xavier da Veiga não era apenas um coletor, aquele que apenas salvaria os documentos de uma “história já duas vezes secular”. O passado lhe fazia algum sentido e não lhe havia chegado arbitrariamente. Sob uma concepção de conhecimento que remonta a uma totalidade romântica, onde a realidade não é *caos* e sim pura ordem, o historiógrafo mineiro pretendia recuperar o passado. Dessa maneira, “o historiador se mostra receptivo e reprodutor”, como nos diz Wilhelm von Humboldt em sua preleção de 12 de abril de 1821 intitulada *Sobre a tarefa do historiador*.⁶ Em 1879 o historiógrafo firmou um compromisso com esse tempo que já se fora, mas que tinha deixado resquícios, sinais de sua estada na história.

Apesar desses documentos pretéritos sobre Minas Gerais constituírem, em vista de um plano geral do passado, apenas sinais que dão testemunho sobre determinada época, a intenção de Xavier da Veiga era remontar o passado em sua integridade. Para esse intento totalizante do passado, muito contribuiu a criação do Arquivo Público Mineiro em 1895. Ao se deparar com a frase de Teófilo Braga (Cf. p.2), e perceber a apreensão do escritor português com relação ao depósito nacional da história de Portugal, Xavier da Veiga diz que

Esta frase de Teófilo Braga, aplicável em substância aos grandes Arquivos de todos os povos, condensa em singeleza eloqüente o **pensamento civilizador** que desde remotos séculos tem ditado a fundação e a manutenção de tais instituições

⁵ VEIGA, José Pedro Xavier da. Op. Cit. p. 47.

⁶ HUMBOLDT, Wilhelm von. “Sobre a tarefa do historiador”. In _____. **Anima. Historia, teoria e cultura**. Ano I, nº 2, 2001. PUC-Rio; p. 79.

em todas as nacionalidades adiantadas das quais são elas, **com a tradição e o lustre do passado, ensinamento, luz e estímulo fecundo para as novas gerações.**⁷

E também:

[...] nos **tempos modernos**, sobretudo **na época presente em a qual culmina a sua civilização**, os governos dos países mais adiantados rivalizam em esforços para desenvolverem e aperfeiçoarem a organização já suntuosa e **cientificamente admirável** de seus Arquivos, que eles consideram entre os primeiros dos institutos nacionais.⁸

O Arquivo Público Mineiro tinha um significado que se constituía além de um simples depositório de documentos sobre a história de Minas Gerais. Representava também a segurança de uma autonomia da identidade histórica regional em dois séculos de história da Capitania, da Província e do Estado de Minas, como se a aglomeração de documentos em um depositório único representasse a própria unidade do território, bem como sua unidade e síntese histórica:

Estabelecido com a República o regime federativo, isto é, descentralizada a vida nacional e despertos os Estados da Velha apatia letárgica, já começam eles a prover sobre a necessidade, essencial à própria autonomia, de organizarem séria e sistematicamente os seus Arquivos, que **ao tempo das antigas províncias eram, por via de regra, parcelados por diversas repartições, e parcelados a esmo, desdenhosa e desordenadamente, sem nenhuma metodização ou nexos.** Acervos de documentos, muitos destes de valor subido e quase todos de considerável utilidade administrativa, histórica e política, eram atirados e esquecidos em cantos sombrios, **amalgamados num verdadeiro labirinto sem fio condutor.**⁹

Se no tempo das antigas províncias achavam-se tais arquivos particulares espalhados em diversas repartições, nada mais significativo do que associar essa desordenação, sem nenhuma metodização ou nexos, à própria falta de unidade que reporta a tal época. Descentralizada a vida nacional, os novos estados começavam a prover sobre a sua autonomia no cenário nacional, onde o federalismo permitia a cada Estado federado demonstrar suas qualidades intrínsecas, e a definição de uma história regional, a busca por um lugar privilegiado, encontrava sua base de sustentação na tradição remanescente do passado regional. Não faltava a Xavier da Veiga, na incumbência de organizar essa história,

⁷ VEIGA, José Pedro Xavier da. “Palavras Preliminares”. p. 1

⁸ Idem. p. II.

⁹ Idem, ibidem.

certo ufanismo localista quando diz que “as sugestões imperiosas da nova forma política federativa e de uma administração esclarecida, acresce que em todo o Brasil é o Estado Mineiro aquele onde mais radicadas se acham as tradições, veneradas e amadas na vida retrospectiva do passado.”¹⁰ Imbuído de um profundo empirismo o historiógrafo mineiro pensava que juntando as partes de uma realidade – mesmo sendo esta realidade situada no passado – seria possível em algum momento no futuro reconstruí-la e domesticá-la.

Como um filólogo, Xavier da Veiga fez dos documentos o seu negócio. Como um erudito, um antiquário, adorava fatos disparatados e obscuros.¹¹ Sobre esse tipo de pesquisa, que Arnaldo Momigliano situou como pesquisa antiquária (que teve início, segundo o autor, na tradição herodoteana após a suplantação de seu modelo histórico pela obsessão do político em Tucídides), o historiógrafo mineiro empreendeu o seu projeto de reformulação de um passado regional. Ao falar sobre o papel dos antiquários, Momigliano diz que “implicitamente todo antiquário sabia que estava destinado a acrescentar alguma coisa à imagem da Antigüidade”.¹² E assim, com sua coleta de dados, informações, documentos e recuperação de antigas tradições, o historiógrafo mineiro sabia que estava acrescentando algo à imagem do passado de Minas Gerais, acrescentando algo que jazia perdido em algum canto e que por ele fora recuperado. Porém, essa imagem do passado de Minas não estava ainda completamente preenchida. O recolhimento exaustivo desses fatos pretéritos era feito de modo que, em algum lugar no futuro, uma imagem perfeita do passado pudesse ser reconstituída. Nesse intuito de um levantamento geral futuro, a mente do historiógrafo mineiro “vagava verdadeiramente para lá e para cá entre os fatos únicos e levantamentos gerais”.¹³

Vemos que o passado, ao ser recordado e “guardado” nessas instituições, ilumina o presente e gera condições para nutrir as novas gerações. O Arquivo Público Mineiro tem em si guardado a responsabilidade de gerar o movimento das três unidades do tempo: passado, presente, futuro. O que se esperava era que essas três unidades se reconhecessem em algum momento, formando um todo único e compreendido, uma síntese histórica que concedesse ao historiógrafo mineiro uma estranha sensação de completude. Olhando para o

¹⁰ Idem. p. III.

¹¹ MOMIGLIANO, Arnaldo. “O surgimento da pesquisa antiquária”. In____. **As origens clássicas da historiografia moderna**. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: EDUSC. 2004.p. 90.

¹² Idem, ibidem.

passado e observando o momento em que vivia, Xavier da Veiga tinha a necessidade de vislumbrar um futuro. Sua preocupação com as gerações do porvir representava uma sensibilidade com relação ao passado, o que este poderia oferecer e até mesmo ensinar, preocupação negligenciada por gerações pretéritas e até mesmo pelo seu presente. O historiógrafo queria inaugurar algo novo, um sentimento novo. Mas, acima de tudo, queria prestar um sentimento de justiça ao passado. Um passado esquecido, apenas preservado na memória de alguns. E Xavier da Veiga sabia que não podia confiar somente na memória. Isto explicava a sua ambição pelos documentos. Estes “papéis velhos” falavam das épocas as quais estavam inseridos. Esses “papéis velhos” inseriam o passado no presente e Xavier da Veiga podia fazer justiça ao passado. Esquecidos no tempo, documentos podiam agora ser ressuscitados do limbo, da obscuridade em que estavam penetrados e trazer à tona os acontecimentos que deveriam ser conhecidos.

3. *Esquecidos, desconhecidos, mas renascidos*

Se a preocupação de Xavier da Veiga se dirigia em não deixar no esquecimento os fatos do passado de Minas Gerais, sua proposta assemelha-se ao que fora sugerido por Heródoto em séculos remotos. Ao empreender suas *Histórias*, Heródoto realiza tal obra para que acontecimentos provocados pelos homens não venham a ser vencidos e obscurecidos pelo tempo. Para Xavier da Veiga, até então os acontecimentos históricos de Minas Gerais provocados pelos homens que compunham sua história tinham sido esquecidos. Observemos as seguintes palavras:

Na frase de um filósofo, **a glória é o sol dos mortos**. Infelizmente, em nossa terra, nestes tempos inclementes de indiferentismo regelado e de absorventes preocupações egoísticas, nem a póstuma homenagem laureia os nossos homens ilustres.

A ingratidão cedo tornou a muitos *esquecidos*; injustiça ainda maior, explicável aliás pela ignorância dos que a praticam, faz de inúmeros outros desconhecidos... Desolante realidade essa que nos mostra o talento, a virtude, o patriotismo e a ciência aferidos pelo mesmo estalão deprimente das nulidades intelectuais e morais, todos na promiscuidade do mesmo desdém, na mortalha do mesmo esquecimento! Contrista, na verdade, ver ignorados ou somente olvidados nomes que simbolizam inteligência fecunda, trabalhos úteis, abnegação caridosa ou serviços à terra natal.¹⁴

¹³ Idem, *ibidem*.

¹⁴ VEIGA, José Pedro Xavier da. “Prefacio”. In _____. **Efemérides Mineiras**. p. 50. (grifo do autor).

“Penetrando respeitoso no cemitério do [...] passado mineiro”, palavras do próprio Xavier da Veiga, o historiógrafo realizava através de seu trabalho o renascimento daqueles que foram esquecidos. Tal como Heródoto, Xavier da Veiga estava dirigindo a investigação histórica no sentido da exploração do desconhecido e do já esquecido, tal como nos demonstra Arnaldo Momigliano ao estudar a tradição herodoteana.¹⁵ O historiógrafo mineiro assumia a responsabilidade de inscrever na posteridade registros ignorados ou esquecidos. Pelas lentes do historiógrafo nada podia ficar sem ser registrado, pois, como ele mesmo diz

[...] procurei esmerilhar tudo e tudo mencionar com a indicação precisa das datas, invariável escrúpulo na narrativa exata dos fatos, conforme a lição de historiadores e cronistas fidedignos e, freqüentemente, à luz de documentos novos, muitos dos quais inéditos e até agora geralmente desconhecidos.¹⁶

Colocando sobre os documentos a codificação do passado, como já expusemos acima, os papéis velhos não tinham seu significado somente referido à época que expunham. Para Xavier da Veiga, tais papéis tinham uma importância capital, iam muito além do próprio passado:

Sem eles, – **obscurecida ou deturpada a verdade dos fatos** à feição dos interesses e das paixões, eliminadas as fontes de que emanam para a História a própria origem e a austeridade fecunda de seus conceitos – não raro carecia o investigador sincero ser iluminado, o que só alcançam gênios privilegiados, dessa **‘intuição quase profética do passado**, intuição às vezes mais dificultosa que a do futuro’, na frase profunda do ilustre Alexandre Herculano.

Sem eles, pois, – quantos enigmas e mistérios impenetráveis nas páginas do passado! Quantos ensinamentos perdidos! E quantos sacrifícios desaproveitados, feitos por homens de tempera rija, de inteligência rutila e de coração alentado, em **lutas a prol da Liberdade, da Justiça, do Progresso e da Pátria**, lutas repetidas e freqüentemente dolorosas nas quais não poucos se glorificaram como heróis!¹⁷

Carecia ao investigador ser iluminado dessa “intuição quase profética do passado”. Recorrendo novamente a palavras esclarecedoras de Humboldt, podemos perceber o quanto essa iluminada intuição do passado era importante para que se completasse a lacuna existente na formação de um discurso histórico. Para ele, “no mundo dos sentidos [...] o acontecimento só é visível parcialmente, precisando o restante ser intuído, concluído e

¹⁵ MOMIGLIANO, Arnaldo. “A tradição herodoteana e tucidideana”. In _____. **As origens clássicas da historiografia moderna**. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: EDUSC. 2004. p.63.

¹⁶ VEIGA, José Pedro Xavier da. Op. Cit. P. 48.

¹⁷ VEIGA, José Pedro Xavier da. “Palavras Preliminares”. p. III.

deduzido. O que surge desse mundo encontra-se disperso, isolado e estilhaçado [...]”.¹⁸ Dessa forma, a verdade histórica, ou “verdade dos fatos” como diz o nosso historiógrafo mineiro, “pode ser equiparada às nuvens, que somente ganham forma à distância dos olhos”.¹⁹ Para Langlois e Seignobos, só pelos traços que deixaram é que podem os fatos passados serem conhecidos. Esses traços, documentos, são observados diretamente pelo historiador. Mas para alcançar um conhecimento que se situa além desta observação direta é necessário ao historiador proceder “por via de raciocínio, para tentar extrair dos traços, até onde isto for possível, a verdade dos fatos”.²⁰ Reconhecendo-se dentro de uma tradição histórica de dois séculos, Xavier da Veiga fundamentava desta forma a verdade de seu discurso. Afinal, “escutar a tradição e situar-se nela é o caminho para a verdade que se deve encontrar nas ciências do espírito”, como nos diz Gadamer ao tentar justificar uma verdade nas ciências do espírito.²¹

Xavier da Veiga estava preocupado com o caráter efêmero das coisas humanas. Um simples acidente poderia para sempre desaparecer com documentos que explicassem os sucessos de homens da terra de Minas. E, para o nosso historiógrafo, a preservação desses documentos representava uma tentativa de eternizar acontecimentos, uma luta constante contra a sua condição de mortal. Xavier da Veiga “acreditava que a memória das ações passadas era o único (imperfeito) remédio que o homem tinha contra a sua própria mortalidade”.²² Sobre a condição de mortalidade humana, e sua vontade de eternidade, podemos recorrer a palavras esclarecedoras de Hannah Arendt, quando esta diz que

a tarefa e a grandeza potencial dos mortais têm a ver com sua capacidade de produzir coisas – obras e feitos e palavras – que mereceriam pertencer e, pelo menos até certo ponto, pertencem à eternidade, de sorte que, através delas, os mortais possam encontrar o seu lugar num cosmo onde tudo é imortal exceto eles próprios.²³

Podemos observar essa questão colocada por Hannah Arendt em uma passagem proferida por Xavier da Veiga, quando ele traça uma cronologia sobre a história de Minas

¹⁸ HUMBOLDT, Wilhelm von. Op.cit. p. 79.

¹⁹ Idem, p. 80.

²⁰ LANGLOIS, Ch. V. e SEIGNOBOS, Ch. Op. Cit. p. 45.

²¹ GADAMER, Hans George. “A verdade nas ciências do espírito”. In _____. **Verdade e método II**. Petrópolis: Vozes. 2002. p. 53.

²² MOMIGLIANO, Arnaldo. Op. Cit. P. 60.

Gerais através da narrativa dos momentos de maior despotismo, segundo ele, do governo português:

Revelou-se assim desde os primeiros tempos do período colonial, que foi o da **formação na escola rude do sofrimento e da luta, sombra e sangue dessa longa fase crepuscular da vida mineira**. Já em 1720 o capitão-general Assumar, tenente do despotismo reinante e ele mesmo déspota por conta própria, pintava horrorizado a D. João V “o inveterado e sempre abominável costume de Minas Gerais, onde se entende que ser traidor aos disparates de um povo é muito maior crime que ser traidor contra as leis e resoluções de vossa majestade...” De feito, em quanto vigorou a tirania metropolitana a atitude do povo mineiro **foi uma ‘Inconfidência’ permanente**, protestante e conspiradora, que teve em 1789 o lampejo épico de sua mais alta indignação.²⁴

E também:

[...] mas também outros títulos históricos de nossa existência já duas vezes secular, honrosíssimos padrões que, se **recordam gemidos de oprimidos e soluços de mártires, relembram também, em maior cópia, ações heróicas, cometimentos de patriotismo intemerato**, sublimes vãos do pensamento iluminado e inolvidáveis revoltas da dignidade humana.²⁵

Em prol da “pátria mineira”, homens no passado deixaram sua marca através de ações cometidas contra o despotismo português numa “inconfidência permanente”, como nos mostra o historiógrafo mineiro. Ações que foram realizadas por mortais, que, findando suas vidas, deixaram padrões marcados para que fossem sempre recordados. Assim pensava Xavier da Veiga. Num *cosmos* onde tudo é eternizado, menos o homem e sua condição de mortal, Xavier da Veiga cuidava que as coisas, objetos e ações passadas fossem reconhecidas, e ele próprio, sabendo de sua curta existência na história, procurava deixar sua marca, sua ação, ao re-presentar atos mortais agora inseridos numa “totalidade” imaginada.

Sabemos através de Augusto de Lima que tal qual um “arquiteto da história” Xavier da Veiga já teria concebido um plano para a escrita de sua história de Minas. Porém, a morte interrompeu seus projetos. Para quem a História não era uma “fotografia morta de acontecimentos e homens” e sim um tribunal aberto em que a posteridade julga com os

²³ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1991. p. 27-8.

²⁴VEIGA, José Pedro Xavier da. Op. Cit. P. IV.

²⁵Idem. p. III.

elementos da última cultura social”, Xavier da Veiga procurava julgar o passado sem parcialidade, julgando por igual o trono, as leis e as autoridades.²⁶

Vimos que a preocupação de Xavier da Veiga com os documentos representou uma fundamentação histórica através de “papéis velhos” que restaram do passado. Imbuído de um saber venatório, o historiógrafo pretendia remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente.²⁷ E, como um caçador, Xavier da Veiga ocupou-se de recuperar uma imagem totalizante do passado, no intuito de conhecer um mundo que existisse antes de seu nascimento. Esta “‘experiência direta do passado’ deveria incluir a possibilidade de tocar, cheirar e provar estes mundos através dos objetos que os constituíram”,²⁸ a fim de conceder a quem os recordasse um sentimento de presença desse passado, como nos diz Hans Ulrich Gumbrecht. O artigo 2º da lei de criação do Arquivo Público Mineiro diz que, até a criação de um museu, deveriam ser guardados no Arquivo os quadros e estátuas, mobílias, gravuras, estofos, bordados, rendas, armas, objetos de ourivesaria, baixos relevos, esmaltes, obras de cerâmica e qualquer manifestação da arte no Estado, desde que tivessem valor artístico ou histórico.²⁹ Xavier da Veiga desejava que todas essas coisas do passado, sejam homens notáveis, objetos de arte e tantos outros objetos, documentos que falem sobre determinada época pretérita, fossem eternas, oniscientes e onipresentes. A acumulação de documentos e objetos no Arquivo Público Mineiro poderia representar um desejo de totalidade. O desejo de Xavier da Veiga de superar a tênue linha que separa o nascimento da morte tem a ver com o próprio desejo humano de eternizar as coisas produzidas pelo homem. E é este desejo de eternidade que, segundo Gumbrecht, fundamenta os discursos históricos e utópicos.³⁰ E era através de um discurso histórico e utópico que o historiógrafo mineiro pretendia conferir uma unidade identitária a Minas Gerais, que se realizaria tanto no seu passado quanto no seu território.

²⁶ LIMA, Augusto de. “José Pedro Xavier da Veiga. Esboço Biográfico”. In____. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Ano VI. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. 1901. p. 10.

²⁷ GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In____. **Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história**. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia da Letras. 2002. p. 152.

²⁸ GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Depois de aprender com a história”. In____. **Em 1926. Vivendo no limite do tempo**. Editora Record. 1999. p. 467.

²⁹ Artigo 2º da lei de n. 126 de 11 de julho de 1895. In____. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Ano I. Fascículo I. Janeiro a Março. Ouro Preto: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. 1896. p. 175.

³⁰ GUMBRECHT, Hans Ulrich. Op. Cit. p. 467.

Mas como nos diz Thomas Richards, “é mais fácil unificar um Arquivo composto de texto do que unificar um império feito de território”.³¹

Nessa busca rígida por objetos pretéritos, Xavier da Veiga procurava uma iluminação do passado no presente – mas também no futuro. Um espaço de experiência, um passado feito presente, rege as coordenações humanas para Xavier da Veiga. Bem como um horizonte de expectativa, um futuro feito presente.³²

Seu biógrafo, ao analisar alguns apontamentos dispersos nos papéis deixados por Xavier da Veiga, diz que “com relação à exatidão dos processos históricos”, o historiógrafo mineiro guardava alguns princípios. Dentre estes estava um de Herder: “A Geografia é a base da História, e esta é uma Geografia posta em movimento”.³³ Xavier da Veiga empreendeu a organização de uma Corografia Mineira, sendo a corografia uma seção específica da Revista do Arquivo Público Mineiro. Enviando um questionário para todos os distritos de paz do Estado, Xavier da Veiga pretendia organizar “um livro destinado a tornar bem conhecido o Estado Mineiro”.³⁴

Podemos entender esse empreendimento de Xavier da Veiga com relação à Corografia Mineira como uma *tentativa de estabelecer limites para uma cartografia identitária mineira*. Geografia e História – juntas para a formação de uma imagem totalizante de Minas Gerais. Assim pretendia Xavier da Veiga. Exaustão de documentos, exaustão de “mapas cartográficos” – imagem total. Essa situação nos faz lembrar um famoso texto de Borges, chamado *Do rigor na ciência*, o qual fala que num “[...] Império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do império, toda uma Província [...]”.³⁵ E no final, esse mapa se transformou em ruínas no deserto, sem nenhum sentido para as gerações próximas. Sendo assim, percebemos que a tentativa de representar uma realidade seja esta presente ou passada, não pode nunca ser constituída em sua integridade. A busca por uma imagem total pode acabar anulando essa própria imagem.

³¹ RICHARDS, Thomas. **The Imperial Archive. Knowledge and the fantasy of Empire**. London; New York: Verso. 1993. p. 4.

³² KOSELLECK, Reinhart. “‘Espacio de Experiencia’ y ‘Horizonte de Expectativa’. Dos categorías históricas”. In____. **Futuro Pasado**. Barcelona: Paidós. 1993. p. 338.

³³ LIMA, Augusto de. Op. Cit. P. 9.

³⁴ VEIGA, José Pedro Xavier da. “Corografia Mineira”. In____. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Ano I. Fascículo I. Janeiro a Março. Ouro Preto: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. p. 132.

³⁵ BORGES, Jorge Luis. “Do Rigor na Ciência”. In____. **O Fazedor**. Obras Completas. São Paulo: Ed. Globo.1999, pp. 247.